

COLETIVOS JUVENIS: TERRITÓRIO E PROJETOS DE VIDA DE JOVENS VALADARENSES

Michele Silva Maurer
Univerisdade Vale do Rio Doce (UNIVALE)
ms.maurer@hotmail.com

RESUMO:

Os coletivos juvenis são espaços de sociabilidade e atuação política onde se produzem modos de vida e de expressão que revelam a complexidade das múltiplas escalas de relações estabelecidas. Utilizando a pentade dramatística de Keneth Burke, buscamos compreender como os jovens problematizam e ressignificam sua experiência a partir das atividades desenvolvidas junto aos coletivos. A arte se mostrou como elemento chave para da atuação política e, a partir de um cotidiano ressignificado, as falas se indicam o desejo de compartilhar um objetivo comum, um projeto político de construção de uma cidade com espaço para todos.

Palavras-chave: Coletivos juvenis; Cidade; Dramatismo Burkeano.

GT – 10: Práticas culturais na produção da cidade

1. INTRODUÇÃO

A juventude se expressa para além das formas delimitadas e normatizadas pela sociedade, reinventando suas próprias formas de vida, apesar das contradições e impasses enfrentados. Através da dimensão simbólica, como a música, a dança e o grafite, os jovens buscam formas de mediação em suas relações com o mundo onde vivem, posicionam-se e buscam espaços de interação, onde podem trocar ideias e refletir sobre sua condição.

A expressão cultural se apresenta como elemento de reflexão e identidade, contribuindo para o desenho de distintas formas de organização social, como os coletivos de cultura. Estes movimentos sociais são marcados pela horizontalidade em sua formação, por um perfil progressista e não partidário. Os participantes de coletivos por sua vez, representam múltiplas e distintas pautas, o que é elemento de tensão constante. Ainda, assim como outros movimentos sociais, os coletivos instrumentalizam a linguagem e a cultura para a atuação e aprendizagem política, com a ocupação dos espaços públicos e sua ressignificação (SPOSITO, 2010; GOHN, 2014).

De acordo com Montoya (2010), os coletivos juvenis são movimentos sociais que se distinguem de outras organizações primeiramente por se originarem dos grupamentos de jovens que compartilham uma cultura e propósitos, também pela resistência à organização hierárquica, favorecendo o autogoverno e a gestão horizontal. Ainda podemos identificar como características dos coletivos, a construção de interesses sociopolíticos alternativos e que buscam respostas às necessidades ou desafios vividos, desenvolvendo ações de enfrentamento das contradições sociais cotidianas que tendem a se basear na cultura e na estética.

Peralva *et. Al* (2016) traça um panorama destes movimentos no Brasil, abordando a morfologia dos grupos, modalidades de intervenção e participação no debate público, destacando a intensificação do modelo a partir das manifestações de 2013. As mudanças ocorridas nos meios de comunicação, como o maior acesso às mídias sociais, contribuíram para a consolidação desse modelo de organização das lutas urbanas.

Nessa comunicação em tempo real, para além da troca de informações, ocorre também o compartilhamento da situação, do vivido, numa conjuntura emocional coletiva. Castells (2013) destaca o compartilhamento de significados a partir dessa nova estrutura, como característica da

ampliação da democracia e da autonomia da sociedade moderna. O autor propõe que este contexto possibilita a formação de redes que atuam como veículo para a troca de valores e perspectivas, como rede de apoio para aqueles que vivem contradições diversas e como espaço para a transformação social.

Na formação dos primeiros coletivos em Governador Valadares, na década de 1990, os grupos se organizavam a partir das formas de expressão, contemplando pautas amplas compreendidas nas reivindicações urbanas e tendo como principais alvos e palcos o Mercado Municipal, as praças, a prefeitura e o transporte coletivo. Com as múltiplas vivências desses jovens, as pautas dos movimentos se ampliam e se especificam, incorporando a diversidade como tema, favorecendo o surgimento de novos grupos e demandando uma maior articulação entre eles. As expressões presentes são o Hip Hop, o esporte (BMX, Skate, Slake-Line), o teatro e a música. Para compreender a condição dessas juventudes, faz-se necessário problematizar sua realidade, seu universo vocabular e seus modos de vida, a partir de uma perspectiva que considere suas subjetividades.

Propomos uma discussão que problematize a experiência e o cotidiano, a partir do que podemos ver as redes de sociabilidade como elemento de mediação entre os jovens e o mundo, pois são espaços de experimentação e identidade, que ajudam os sujeitos a compreenderem as contradições vividas e compartilharem os sentidos de sua realidade. A cidade, o bairro, a família, a turma (ou as turmas) permitem que os jovens experimentem o mundo, sobre ele aprendam e dele se apropriem, participando da construção de perspectivas e expectativas.

Buscamos compreender como os jovens problematizam e ressignificam sua experiência a partir das atividades desenvolvidas junto aos coletivos, para posteriormente compreender os seus desdobramentos em suas práticas e em seus projetos de vida. Nossa discussão perpassa a compreensão de processos identitários, a subjetivação das experiências coletivas e do espaço vivido, assim como da própria condição juvenil. Para isso, realizamos entrevistas com integrantes de coletivos que atuam em Valadares e analisamos a partir da pentade dramatística elaborada por Kenneth Burke (BURKE, 1966).

Este instrumental de análise busca compreender as relações humanas em termos da ação simbólica. Para o autor, a ação humana consiste num drama, pois envolve objetivos, reflexão, conflitos e escolha e pode ser abordada numa perspectiva narrativa. Este drama, enquanto narrativa, é posto

num cenário e abordado a partir dos elementos dessa pentade: a cena, o ato, o agente, a agência e o propósito. Tal instrumento, permite a compreensão de cada um desses elementos bem como o dinamismo da relação estabelecida entre eles.

As narrativas expressam o espaço vivido, a partir da construção de significados sobre os acontecimentos, dispersos ou planejados, e compreendem as diversas temporalidades se estendem concomitantemente, circunscrevendo os espaços habitados (GUIMARÃES NETO, 2006). Elas permitem a leitura de diferentes configurações sociais e outras compreensões sobre os espaços sociais, sendo que as descrições recriam culturalmente os espaços. O presente coexiste com o passado virtual (vinculação do contexto passado à sensação do presente) constituindo um processo de mediação do passado, e não de recriação ou construção do passado.

Para entrar no espaço dos coletivos e conhecer os sujeitos que os compõem, requer o estabelecimento de uma relação de confiança que pode demandar um tempo imprevisível. A busca destas pessoas começou pelo Departamento de Juventude do município, que indicou líderes dos movimentos que poderiam contribuir com este trabalho, em que analisaremos as entrevistas de dois jovens integrantes de coletivos. A primeira entrevista, concedida pela jovem Josina, de 19 anos e a segunda com o jovem Ahmed, de 30 anos. Os nomes foram alterados preservando a identidade dos entrevistados

2. O JOVEM E O AGIR COLETIVO

A juventude se expressa para além das formas delimitadas e normatizadas pela sociedade, reinventando suas próprias formas de vida, apesar das contradições e impasses enfrentados. Através da dimensão simbólica, como a música, a dança e o grafite, os jovens buscam formas de mediação em suas relações com o mundo onde vivem e, posicionam-se diante dos “limites dados pelo lugar social que ocupam” (Dayrell, 2013). Em diversas obras, encontramos essa compreensão da expressão jovem como elemento de protagonismo social que intervém no espaço coletivo, revelando a complexidade das suas relações com os pares e com outros segmentos sociais. Tais expressões, também são formas de se posicionar diante do mundo adulto e, desde a adolescência, ocorre a busca pelos espaços de interação, pelos “grupos de amigos”, onde podem trocar ideias e buscar compreender o sentido de sua condição. (Abramo, 1997; Dayrell, 2007; Dayrell, Moreira e Stengel, 2011)

Os processos de construção das identidades, individuais e coletivas, traz a noção de equipamentos coletivos de subjetivação, indicados por Jodelet (2009) como dispositivos de saber e de poder, e o papel das representações sociais nestes processos. Diante da globalização, indivíduos e grupos reivindicam a afirmação de singularidade, manifestando uma pertença grupal, e demandam o reconhecimento social (processos simbólicos que regem as relações sociais). O espaço social e público onde circulam as representações diversas (comunicação de massa, instituições, ideologias) também é o espaço da transubjetividade, apresentado como uma escala que compreende “tanto os indivíduos e os grupos quanto os contextos de interação, as produções discursivas e as trocas verbais”. Assim, a subjetividade perpassa os processos de interação e negociação que ressignificam as experiências.

As identidades são compreendidas como resultados de um “processo relacional e dialógico, inserido numa relação social” (HAESBAERT, 1999). As identidades se constituem nas relações sociais, possuem uma fluidez permeada pelas as diferentes dimensões vividas pelos sujeitos, e pelos territórios. O autor ainda apresenta a noção de identidade socioterritorial: quando uma identidade parte de um território, ou transpassa um território. Esta “recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço referente condense a memória do grupo” que traz sua marca.

O espaço virtual constitui também um território, no qual Manuel Castells (2013) aponta o papel dos meios de comunicação e das mídias sociais na troca de informações e compartilhamento de significados. A abertura de meios dinâmicos de comunicação e a ampliação do acesso às redes, vem provocando transformações nos movimentos sociais, tanto das estruturas tradicionais como nos coletivos ativistas. Este espaço propiciado pela difusão de tecnologias corrobora com a democratização e autonomia da sociedade civil, produzindo novas manifestações a partir da autorreflexão da população sobre o mundo, sendo que não surgem somente a partir das contradições sociais, mas também de uma conjuntura emocional coletiva (ou coletivizada) através das redes, podendo constituir-se ou não como movimentos sociais.

Os territórios vividos são múltiplos, dizem respeito também à escala do bairro e à escala da cidade, sendo este último formado por uma rede de redes de sociabilidade (Turra Neto, 2011). A proximidade física, no bairro, tem papel importante na formação das redes de sociabilidade primárias, a partir das quais outras aproximações (ou distanciamentos) são produzidos nas (des)conexões à escala da cidade. O primeiro é mais permanente, visto que formado por relações

mais estreitas de vizinhança e amizade. O segundo é mais efêmero, já que depende da dinâmica das culturas juvenis na própria cidade, mais dependentes dos contatos estabelecidos que das amizades estreitas. A cidade e práticas sociais estão em interrelação, sendo a cidade um espaço produzido e apropriado por diferentes grupos sociais, repleto de embates, negociações e conflitos na sua apropriação e vivência.

Este território apresenta uma concepção de poder que se amplia para além da dominação e do controle. Trata-se de uma compreensão de poder que contém elementos funcionais e simbólicos, não contido nas relações, mas que é a própria relação e envolve múltiplas e indissociáveis articulações entre as dimensões espacial, cultural e política. O território seria então a “mediação espacial do poder” resultado dessas articulações, envolvendo relações econômicas, jurídico-políticas e simbólicas (HAESBAERT, 2014:93). O contexto a ser observado pode privilegiar uma ou outra destas relações, mas não as dissociar.

Esse desdobramento entre relações político econômicas e aquelas de caráter mais simbólico cultural remete ao território como um continuum, entre o material e o subjetivo, de acordo com Haesbaert (2007). As relações materiais deixam marcas dispostas pelo território, são paisagens e espaços de circulação, objetos de dominação e de apropriação também no aspecto simbólico, que participam da construção e reconstrução de identidades. Por outro lado, esta identificação que perpassa o território, reforça ou transforma esses espaços, podendo estabelecer novas relações que também possuem uma materialidade. A compreensão desse continuum ressalta o território como um contexto de relações materiais e simbólicas.

A dimensão simbólica do território pode então ser observada como manifestação identitária, produção e significação do espaço. Como afirma Cabral, Santos e Gomes (2015:95), “é no território que ocorre a vida cotidiana, onde está a essência dos seres que habitam o lugar e onde se constroem e reafirmam as identidades”; indicando o território como espaço de produção e de manifestação, onde os sujeitos se organizam e organizam o próprio espaço.

Assim, a juventude é um fenômeno social que percebido a cada vez mais em sua complexidade, englobando a diversidade de experiências, as situações contraditórias e uma multiplicidade de espaços e formas de socialização. A inserção social do jovem pode a ser entendida como resultado de sua capacidade de elaborar um projeto de vida consistente e nele permanecer. O lugar social ocupado pelo jovem, e o que ocupará quando adulto seriam resultado de escolhas individuais. Entretanto, ao buscar compreender essa construção por jovens de camadas populares, é possível

observar uma grande variedade de projetos de vida, marcados por incertezas e provisoriidades, especialmente em relação ao mercado de trabalho. Segundo Dayrell (2009) muitos jovens “são desafiados comumente pelas dificuldades econômicas encontradas para sobreviver e para concretizar seus projetos futuros.”

Para Police (2010), território e identidade estão em relação dialógica, em que a identidade territorial orienta a territorialização e este processo reforça a identificação da comunidade com o espaço vivido. O território é visto como um produto afetivo quando considerado a pertença e a produção de uma representação deste território opera na orientação para o agir coletivo e no processo de territorialização. Um movimento inverso também pode ser pensado a partir disso: a necessidade do local para as estratégias identitárias dos coletivos urbanos, deixam marcas nos espaços e constroem novas paisagens no cotidiano das cidades.

No cotidiano juvenil é possível perceber a transformação dos espaços institucionais em espaços sociais, pois constantemente os ressignificam para favorecer a sociabilidade e as trocas de experiência. Quando um mesmo território pode ser referência para distintos grupos, com finalidades distintas, pode ocorrer o conflito de territorialidades que demandará uma solução (HEIDRICH, 2010). As ocupações de espaços públicos realizadas por diversos coletivos representam tal conflito.

Além das ocupações, outras manifestações também produzem novas imagens da cidade, que circulam nas redes sociais e na mídia. A exposição de uma diversidade de corpos nas manifestações contribui para uma transformação nos modos de subjetivação dos espaços pelos sujeitos que acompanham as redes de comunicação (SILVA, 2016). Essa estratégia faz com que a diversidade de expressões, muitas vezes oculta no cotidiano das cidades, seja exposta por mais tempo, possibilitando a mudança da imagem que a própria cidade tem de seus habitantes.

A arte e o esporte, como expressões culturais, atuam como elementos que fortalecem os laços que os sujeitos têm com os lugares. Camargos (2015) aborda o papel do *hip hop* na realização de uma crítica social, permitindo a ressignificação e a mediação com o vivido àqueles que se aproximam do movimento. O autor demonstra como o *rap* representa a construção de leituras do mundo ancorados na ótica de sujeitos que não estavam em ocupações de destaque, não gozavam de prestígio social, nem eram homens ou mulheres com distinção socioeconômica. Apesar do lugar social ocupado por estas pessoas, elas atuam ressignificando as contradições de sua realidade objetiva, transformando-as em elementos de afirmação identitária.

Os estilos de vida, marcados pelo mercado oferecem produtos cada vez mais completos, atingindo uma gama de esferas da vida além do lazer vinculado aos produtos culturais, como moradia, alimentação e segurança. Em contraposição a esta identidade formatada, Ana Clara Ribeiro (2014) propõe pensar na “arte de resolver a vida”. De acordo com a autora, os “estilos de vida se apropriam de modos de vida e os transformam em mercadoria”, enquanto a arte de resolver a vida se aproxima do cotidiano e do território vivido, do cotidiano e dos gestos diários, chamando a atenção para os níveis de adesão dos jovens.

Entendemos que as expressões culturais são maneiras que os jovens desenvolvem para se apropriarem dos espaços, refletindo suas identidades e possibilidades, apesar das limitações muitas vezes impostas pelos lugares sociais que ocupam. Neste processo, as redes se mostram como fortes elementos de inclusão, uma vez que são espaços de afirmação e autodefinição de identidades, também contribuem para a compreensão dos lugares e para a experiência política. A juventude é um período importante para a definição de um agir político na fase adulta e, de acordo com Seidl (2014: 61), “este é um momento chave para definições e redefinições da intensidade do engajamento, para sua estabilização, retração ou abandono.” O autor analisa o ativismo político de jovens e aponta as “experiências de socialização participativa” e formas de engajamento individual, participação em projetos sociais e práticas de voluntariado, como componentes para a compreensão das variações de investimento no ativismo social (SEIDL, 2014: 62).

A produção destas territorialidades e a apropriação dos espaços não ocorrem sem tensões, tornando necessário pensar nas disputas e negociações que ocorrem entre os grupos geracionais e entre as diferentes culturas juvenis. Em suas relações cotidianas, os jovens atribuem sentidos aos espaços, tendo como referência a multiplicidade de experiências que carregam consigo. Aos territórios são atribuídos diversos sentidos e as identidades resguardam a multiplicidade de territórios vividos.

2.1 A AÇÃO DE JOSINA

O contexto inicial da narrativa apresentada por Josina demonstra um elemento típico da condição juvenil que é a ambiguidade da percepção das contradições sociais e, ao mesmo tempo, a falta de elementos para a compreensão de sua realidade. Josina relata que se engaja no movimento a partir uma mudança na forma de lidar com o mundo. A partir da influência de uma professora, ela sai de um estado que chama de “zona de conforto” e começa a construir uma “outra visão de mundo e de

si mesma”. Sobre este contato, ela descreve que: “ela faz a gente pensar em coisa que a gente nunca pensou, ter um olhar crítico pra tudo, principalmente sobre o nosso dia-a-dia, assim, [...], que eu acho que é a forma mais fácil de fazer aquele jogo, de parar e pensar, entender, refletir.”

A mudança de visão se mostra a propulsora da narrativa, em termos como “visão de mundo” e “se enxergar nos espaços”. A formação dos coletivos e seus meios de ação parecem fundamentados nesse discurso dos sujeitos não se enxergarem ocupando espaços sociais, mesmo que ocupados fisicamente. Sobre a criação do coletivo Quilombo, formado inicialmente em Salvador, entre estudantes da Universidade Federal da Bahia, Josina faz o seguinte relato:

[...] você entrava dentro daquela universidade, dentro cidade de Salvador e você não enxergava seu próprio povo ali dentro, num espaço muito elitista e muito branco ainda. Aí, o pessoal sentiu essa vontade de criar um coletivo para tentar mudar essa situação e depois esse coletivo foi expandido e chegou aqui depois de alguns anos. (JOSINA)

O pertencimento também se mostra um elemento de engajamento. As identidades se mostram tanto como agregadoras dos coletivos, como elemento de segregação espacial. Os espaços sociais, especialmente aqueles vinculados à noção de espaços de poder, são vistos como lugar ocupado por outros. Aqui vemos uma relação entre um cenário e um propósito dando forma a uma ação promovida pelo coletivo:

Porque assim, justamente por essa política interna, de sempre colocar as mulheres na liderança, coloca-las como coordenação, você começa a se ver num espaço que antes você não se via. Não é muito comum ver pessoas parecidas comigo em certos espaços. Então, lá [no Quilombo] a gente vê.

Em seu ingresso nos movimentos sociais, observa que apesar do contato com integrantes de outro coletivo, que compartilhavam pautas, opta por participar efetivamente naquele espaço onde a linguagem proporcionava maior identificação: “aí que eu entrei mais de cabeça mesmo, porque aí era mais gente jovem junta e era mais a nossa linguagem”. O grupo escolhido é formado principalmente por estudantes secundaristas e universitário, acolhendo um grande grupo adolescente.

Para ela, essa integração favorece os propósitos antes expostos, “porque a gente tá sempre junto, [...] e a essa união de pessoas em torno uma mesma vontade, né, de uma mesma visão, que faz com que muitas mudanças aconteçam”, falando sobre a articulação do Quilombo com outros

movimentos. Ao falar sobre o papel dos movimentos sociais, nossa entrevistada traz a construção de uma identidade vinculada ao local como propósito das ações dos coletivos na cidade, como pode ser notado quando afirma que

o papel dele [o coletivo quilombo] na cidade é assim, de mudança, de tentar encaixar todo mundo na cidade, para dar certo para todo mundo. [...] Para tentar diminuir as opressões, as violências, e aumentar o nosso sentimento de pertencimento dentro dessa cidade.

As ações promovidas que permitem a integração de um número maior de jovens proporciona também um espaço de afetividade frente às adversidades cotidianas. A entrevistada nos apresenta a realização de um evento, desenroladas em três cenários, para demonstrar a mudança que as ações do coletivo possibilitam. Primeiro, ela narra brevemente um encontro desse grupo de iguais revelando que este é um espaço “de carinho, de acolhimento, e de você encontrar todo mundo, todo mundo é parecido um com o outro” em contraste com o cenário cotidiano onde não encontra facilmente pessoas com quem se identifique. Tal situação motiva a construção de um cenário de novas ações, um cotidiano ressignificado, onde ela se sente encorajada a ocupar aqueles espaços onde antes não se via.

Ainda, na cena elaborada sobre o papel do Quilombo em Valadares, vemos a transformação da cidade no palco para o coletivo desenrolar sua ação. Neste cenário, o outro (que pouco foi convidado a agir nessa narrativa) se torna o alvo da ação. Josina narra uma cena onde um grupo age, “um certo grupo” que se incomoda, mas essa ação tem como propósito “uma cidade que seja realmente boa para todas as pessoas”.

2.2 A CENA DE AHMED

Ahmed nos apresenta um amplo histórico da formação dos coletivos na cidade de Governador Valadares. Um dos fundadores do Pedra Negra, conta que aquele era um momento de em que a organização dos grupos como coletivos estava se expandindo em todo o país e que alguns jovens da cidade que tinham contato com esses movimentos decidiram montar um “voltado mais para a cultura valadarense, para a cultura que a gente gosta”, como ele afirma. O coletivo era voltado para a cena musical e buscava promover artistas locais, organizando eventos nas praças centrais da cidade.

A gente sempre pontuou mais em relação à cultura que você pode ir na praça para ver um *show*. De *reggae*, *jazz*, *rap*, um forró, qualquer coisa que seja... mesmo que seja cultura massificada, mas que seja de fácil acesso, que seja pra qualquer pessoa que esteja passando na rua, que esteja lá. (AHMED)

Os festivais de música eram a marca do coletivo que realizava eventos voltados para o estilo *rock*, mas com espaço para outros estilos e expressões, buscando sempre valorizar os artistas da cidade. Foram realizadas edições do Grito Rock e também da Virada Cultural, festivais que ocorrem em diversas cidades do país. O grupo ainda promoveu o EcoArt, um festival cultural com espaço para discussão de questões ambientais e que envolveu integrantes de diversos Movimentos Sociais presentes na região.

Fizemos um festival nosso chamado EcoArt, foi lá na Florestinha, que era o antigo museu de Valadares. Teve música em geral, bandas, dança, escola de samba, teatro, slake-line, Skate... A gente envolveu tudo quanto é tipo de coisa que dava para envolver, que dá pra ocupar um espaço público. Ele estava parado, há muitos anos que não tinha nada lá, a gente pegou e fez essa festa. (AHMED)

Muitos jovens do Pedra Negra participavam das atividades de outros coletivos, principalmente o Território do Avesso, que era ligado à produção de audiovisual. Com a parceira, os grupos puderam desenvolver diversos eventos, entre eles a realização de cine debate e a produção de audiovisual. O cine debate ocorria no Mercado Municipal e tinha a colaboração dos comerciantes do local, que além de ceder o espaço e auxiliar com os equipamentos, participavam das exposições que ocorriam.

Ahmed destacou a importância de realizar eventos nas áreas de grande circulação na cidade como forma de dar visibilidade aos artistas e também como oportunidade para as pessoas que vejam as diversas formas de arte e expressão que fogem ao que é cotidianamente exposto e divulgado. Mas também falou da importância de um movimento inverso, que valorize a cultura da periferia, tornando este um espaço de atuação dos coletivos de cultura.

E a gente sempre olhava pra quem éramos nós mesmo... Tem uma galera que é lá do Carapina [uma periferia central da cidade], fazendo funk, vamos pegar a galera, ver o que eles têm e trocar umas ideias, vamos propor alguma coisa para melhorar. E vamos trazê-los para o centro, mas não esquecendo de que as coisas também tem que ser feitas nas quebradas. Porque muitas pessoas tem o costume de sair, de se deslocar seu habitat pra vir pro centro. Mas a gente tem que levar cultura para dentro da periferia, não é tirar essa galera de lá, porque cultura de bairro é muito importante. Você ver lá, tiozinho trocando uma ideia na porta de casa. Isso é cultura. (AHMED)

O jovem ainda falou sobre a articulação de pautas dos coletivos, destacando que a cultura pode reunir diversas pautas, se referindo o envolvimento de coletivos relacionados à questão da negritude ou aos coletivos LGBT na realização dos eventos. As ações apresentadas têm como características a denúncia da violência e discriminação que muitos jovens sofrem em seu cotidiano e a preocupação com o meio ambiente. Ahmed fala sobre as limitações impostas às minorias, de acesso não só ao lazer, mas a moradia, saúde e educação, afirmando ainda que “a gente não é minoria, a gente é maioria, só que a gente é esmagado tanto que acha que a gente diminuiu”. Para ele, é necessário “continuar estendendo essas bandeiras” que falam da luta diária dessas pessoas e a cultura “consegue abranger tudo isso”.

2.3 A PENTADE DRAMATÍSTICA

Na construção da *dramatis persona* nas cenas descritas pelos jovens, predomina o ator coletivo nas falas, destacando a ação realizada pelo grupo e havendo poucas falas referentes a ações individuais. Ao palco, são convidados diversos atores na composição das cenas: os amigos, ou os iguais, colaboram na ação, sejam os amigos que se reúnem no coletivo, ou os outros coletivos propriamente dito. Aquele que é diferente, o outro, na fala de Josina se mostra como o um obstáculo, pois ocupa um lugar e não deixa espaço para os demais, enquanto na fala de Ahmed ele é o distante, o de outra cidade, silenciado e colocado ao fundo do palco como um figurante.

Eu acho realmente uma cidade muito bonita [...] tem muito a oferecer [...], apesar de, querendo ou não, algumas funções, alguns espaços centralizarem mais pessoas de um mesmo jeito, de uma mesma forma, mas se você abrir um pouco seus horizontes, você encontra muita gente diferente aqui. (JOSINA)

Esses caras tinham que se apresentar numa praça, dia domingo, numa praça cheia pra todo mundo ter acesso a eles, tem várias coisas dentro de Valadares que são muito boas, mesmo. Não deve nada para ninguém lá de fora, mas as vezes não tem a valorização necessária. (AHMED)

Os entrevistados destacam uma relação cena propósito, em que a o contexto da cidade (seja da desigualdade e interdição, seja a falta de opção na cena cultural) ensejam mudança, constituindo o propósito da ação. Este é um movimento circular em que da cena emerge um propósito e a ação busca modificar esta cena, sendo essas mudanças sutis e, para os entrevistados, devem continuar através das práticas dos coletivos nas ações culturais.

As falas dos entrevistados trazem perspectivas distintas desta relação: Josina deixa claro que as estratégias dos movimentos sociais permitiram que ela se visse em lugares sociais antes interditados e que isso a motiva a permanecer no coletivo, buscando que mais jovens possam ampliar suas perspectivas. Ahmed relata a falta de espaços culturais que abarcassem a diversidade de interesses de jovens da periferia, que não podem pagar o valor exigido pelo mercado cultural, motivando a criação de um coletivo local, com foco na música.

Na relação ato agência, vemos que os meios da ação são diferentes. Para Ahmed, o meio é a ação coletiva que fortalece a minoria, que dá visibilidade às pautas e aos sujeitos que as demandam. Para ele, as redes de integração e sociabilidade que os coletivos proporcionam aos jovens, trazem mais do que expressão e mediação com o mundo, são propriamente redes de apoio que fortalecem os sujeitos na luta em torno das diversas pautas.

[...]A vivência coletiva é a melhor coisa que você pode ter pra você mesma, pra você crescer como pessoa... espiritualmente, crescer mentalmente, se tornar uma pessoa mais forte, se tornar uma pessoa melhor, e entender que ou outro sangra, que o outro chora, dorme, que sente frio, fome..., você consegue entender isso tudo. (AHMED)

O meio é a oportunidade para Josina, que enxerga nas atividades desenvolvidas pelos coletivos, uma oportunidade para que as pessoas se movimentem pelos espaços, experimentem, possibilitando se enxergarem como sujeitos capazes e ativos. Não se trata de um meio-auxílio, mas do próprio meio-instrumento, introduzindo o jovem em espaços antes interditados e debates sobre sua condição, confrontando as contradições vividas.

Essa política interna, de sempre colocar as mulheres na liderança, colocá-las como coordenação, você começa a se ver num espaço que antes você não se via. Não é muito comum ver pessoas parecidas comigo em certos espaços. Então, lá a gente vê. (JOSINA)

As relações aqui observadas são reduções da realidade e devem ser vistas como tal: são instrumentos para que se possa analisar a construção dos discursos apresentados. Outros elementos ainda podem ser analisados a partir deste método, como a influência dos bastidores e o papel da própria plateia na criação da cena. Atendendo ao objetivo deste trabalho que era compreender a subjetivação das experiências vividas nos coletivos e os desdobramentos desta experiência em seu projetos de vida, limitamos assim nossa análise para o momento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pentade dramatística permitiu observar a relevância que Josina deu ao movimento de catarse proporcionado pela participação nos coletivos. Mais do que as pautas, as reivindicações que dão forma a essa organização dos jovens, foi possível compreender que a narrativa foi construída sobre a mudança na forma de ver e de viver sua condição juvenil. A reflexão sistemática e permanente sobre o cotidiano e lhe dão um horizonte para a compreensão e enfrentamento das contradições sociais.

Em ambos os discursos, a identidade aparece referenciada em territórios, ora de pertencimento, ora de interdição. As diversas manifestações do poder simbólico, manifestações que reúnem, definem grupos, segregam e agregam, passam a ser problematizadas e possibilitam a ressignificação do pertencimento, onde o espaço do outro passa a ser visto como um espaço que pode ser ocupado também pelo diverso. O posicionamento desses sujeitos na teia social ganha novas possibilidades, ou perspectivas, a partir de sua participação nos coletivos.

Essa mudança ainda se estabelece como projeto de vida, para além da contínua reconfiguração de seus projetos e de suas identidades, torna-se um projeto político, pois passam a buscar a reconfiguração desses territórios. O propósito dos movimentos é descrito como construir uma cidade que seja boa para todos. Nesse projeto é preciso compartilhar pautas, colaborar e comunicar que a cidade pode ser um lugar de muitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, HW. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5. v.6, p. 73-90, maio/dez, 1997.

BURKE, Kenneth. **A Grammar of Motives**. Berkeley: University of California Press, 1966.

CABRAL, Eugênia Rosa; SANTOS, Alessandra Livia Lima; GOMES, Sérgio Casto. Responsabilidade Social e Ambiental e Desenvolvimento local Sustentável: O Caso do Projeto de Educação Ambiental e Patrimonial – **PEAP**. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS* (São Paulo), Vol. 4, N. 1, p.91-107, Janeiro/ Abril. 2015. Disponível em: <<http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/index>> Acesso em: 21 mai. 2018.



CAMARGOS, R. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. O jovem como sujeito social. *In*: FÁVERO, O. (org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília, DF: Unesco, 2007.

_____. O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. **Salto para o Futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009. Disponível em: < <https://tvescola.org.br/ahmedbr/tve/salto-acervo/publicacao>>. Acesso em: 16 jul 2018.

_____. A juventude e suas escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. *In*: _____; NOGUEIRA, MA; VIEIRA, MM; RESENDE, J. (Orgs). **Habitar a escola e suas margens**. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2013.

DAYRELL, J. MOREIRA, MIC; STENGEL, M. (orgs.) **Juventude contemporânea**: um mosaico de possibilidade. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011

GOHN, Maria da Glória. Pluralidade da representação na América Latina. **Soc. estado**. Brasília, v. 29, n. 1, p. 73-90, Abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

GUIMARÃES NETO, Regina B. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. **Estudos Ibero-Americanos**, v. XXXII, p. 143-155, 2006.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. *In*: ROSENDAHL, Z. & CORREA, Roberto L. **Manifestações da cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia Niteroi**, Ano IX, n.17, 2007, p. 19-46.

HEIDRICH, A. A abordagem territorial e a noção de representação. **Anais do XVI Encontro de Geógrafos Brasileiros - Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças Espaço de Diálogos e Práticas**. São Paulo : AGB, 2010.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**. V.24, n. 3, p. 679-712, 2009.



MONTOYA, Ángela Garcés. De Organizaciones a Colectivos Juveniles Panorama De La Participación Política Juvenil. **Última Década**, v. 18, p. 61–83, 2010

PERALVA, Angelina; FIGEAC, Julien; PATON, Nathalie; NOGUEIRA, Rachel. O legado de 2013: Coletivos de ativistas e a Agenda Política Brasileira. In: **41º Encontro Anual da ANPOCS** (Caxambu) out. de 2017. 31p. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt08-26/10660-o-legado-de-2013-coletivos-de-ativistas-e-a-agenda-politica-brasileira/file>> Acessado em 04/09/2018

POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 27, P. 7-23, JAN./JUN. DE 2010

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Territórios Jovens: técnica e modos de vida. In: CARRANO, Paulo César e FÁVERO, Osmar. **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014. P. 19-30

SEIDL, Ernesto. Engajamento e investimentos Militantes: Elementos para discussão. In: CARRANO, Paulo César e FÁVERO, Osmar. **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014. P. 55 – 70

SILVA, Tarcisio Torres. **Ativismo digital e imagem**: estratégias de engajamento e mobilização em rede. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010

TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RA'E GA** (Curitiba), V. 23, p. 340-375, 2011.